

SINTAGMAS PREPOSICIONADOS EM PORTUGUÊS

Francisco da Silva Borba *

BORBA, Francisco da Silva. Sintagmas preposicionados em português. *Alfa*, Paulo, 24:49-58, 1980.

RESUMO: Trata-se de uma sugestão para a descrição de sintagmas preposicionados através da apresentação da estrutura e do funcionamento de alguns sintagmas preposicionados em português.

UNITERMOS: Estrutura; Gramática performativa; Sintagma; Sintagma preposicionado; Subcategoria.

1 — *Estrutura*

Podemos entender *sintagma preposicionado* (Spr) em sentido amplo e em sentido restrito. Em sentido amplo consta ele de um termo inicial (I) e de um terminal (T) enlaçados pela preposição (pr) e, em sentido restrito, de preposição mais o terminal.

As classes que preenchem os termos são a nominal (nome — N e adjetivo — Adj) e a verbal (verbo — V), uma vez que os pronomes são substitutos dos nomes e os advérbios ora se comportam também como substitutos (locativos e temporais) ora como adjetivos (Cf. bom de coração/está bem de vida). Assim temos:

I (N — Adj — V) + Pr + T
(N — Adj — V)

Ex.: a *casa* da esquina
uma garota *bonita* de rosto
vou a Santos
Sorria às *crianças*
Morreu de *velho*
Está para *chegar*

As necessidades da análise determinam quando se deve operar com o sintagma todo ou quando o problema está só na sua parte terminal.

2 — *Frequência*

Quando a língua tem preposições, elas costumam ser muito

* Professor Titular do Departamento de Lingüística do Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação, Campus de Araraquara, UNESP.

freqüentes pelo fato de constituírem uma classe gramatical, ou seja, um conjunto fechado. Quanto maior for a implicação gramatical de uma classe, maior a sua probabilidade de ocorrência. Isso quer dizer que a freqüência se relaciona diretamente com a significação gramatical do item léxico.

Para o português, em 260 páginas escolhidas aleatoriamente em textos escritos de registro coloquial (jornais, revistas, peças de teatro, crônicas etc.) encontramos um total de 8671 ocorrências, o que nos permitiu classificar as preposições em três grupos.

I (freqü. alta) — *de* (4158), *em* (1620), *a* (816), *para* (658), *com* (540), *por* (524).

II (freqü. média) — *sem* (113), *sobre* (68), *até* (61), *entre* (40), *contra* (24), *desde* (20), *após* (16), *sob* (12).

III (freqü. baixa) — *ante* (1), *perante* (0).

Essa freqüência implica a diversificação semântica, causando intersecções de conjuntos significativos, de onde surgem as dificuldades de descrição.

3 — Descrição de alguns sintagmas preposicionados

As análises abaixo pretendem constituir-se mais em sugestões para a construção de uma *gramática performativa* do português do que em soluções definitivas para casos particulares.

3.1— Seja o conjunto:

- (1) Está *em* casa.
- (2) Entrou *na* igreja.
- (3) Vamos passear *na* praça.
- (4) Arrastava a trouxa *no* chão.
- (5) Tomava café *na* cama.
- (6) Nunca dormi *num* colchão de molas.
- (7) Sei de um burro que sabe passar *em* pinguela de um pau só.

Para o sistema, a matriz é a seguinte:

I	Pr	T
V	em	N
	↳	→ (= inclusão no espaço)

Ora, qualquer falante nativo percebe que o hiper-semema — inclusão no espaço — se realiza por alossemas diferentes. Isso se deve às regras de inserção dos itens lexicais. Se a matriz de cada item for descrita em termos de traços (= subcategorias), veremos que há regras de seleção já do terminal já do inicial e do terminal. Assim, se

$T \rightarrow N$ [+ tridimensional (+ comprimento, + largura, + altura)],
então

$Pr \rightarrow em$ (= dentro de) (cf. 1 e 2)
Se

$T \rightarrow N$ [+ bidimensional (+ C, + L)],
então

$Pr \rightarrow em$ (= sobre) (cf. 5 e 6)
Se

T → N [+ unidimensional
(+ C)],
então terminal contém nomes da mesma
subclasse (+ bid.) e os valores são
diferentes, isto é, (3) — (4) coinci-
dem com (7). A causa está na sele-
ção do inicial V → V (± Mov. =
movimento).
Pr → em (= por, ao longo de)
(cf. 7) Logo
Em (3) — (4) e (5) — (6), o

V (+ Mov.) + em + N (+ bid.)
|————→ = ao longo de, por

V (— Mov.) + em + N (+ bid.)
|————→ = sobre

- 3.2— Tomemos agora as frases:
- | | |
|---|--|
| (1) O professor era casado, <i>com</i> filhos. | com valor possessivo, mas seus conjuntos não coincidem, pois se podemos ter <i>apartamento de ótimo banheiro</i> e <i>pensões de comida de primeira</i> , não temos <i>professor de filhos</i> , do mesmo modo como a preposição <i>com</i> não substitui <i>de</i> em (4), (5) e (6). |
| (2) Comprou um apartamento <i>com</i> ótimo banheiro. | |
| (3) Há pensões <i>com</i> comida de primeira. | |
| (4) Perdi a chave <i>do</i> carro. | |
| (5) Entrou para um colégio <i>de</i> freiras. | Na verdade, tais sintagmas preposicionados são nominalizações de orações possessivas do tipo — SO(SN + Vter + SN) *
→ Sprep — em que operam transformações diferentes. |
| (6) O marido <i>da</i> Celeste desapareceu. | Assim |
- Na estrutura N + Pr + N, as preposições *com* e *de* se realizam

O professor tem filhos	→	o professor com filhos
O apartamento tem banheiro	→	apartamento com banheiro
O carro tem chave	→	a chave do carro
As freiras têm um colégio	→	um colégio de freiras

Por aí se vê que, na nominalização com *com*, há apenas substituição de itens lexicais, enquanto a inserção de *de* no lugar de *ter* exige a permutação da ordem possuidor/possuído, exigência que só se anula quando o Spr restrito (= possuído) contém uma expansão (adj, quantificador etc.).

* SN = sintagma nominal; SO = sintagma oracional.

O carro tem chave → O carro *com* chave
 O carro *de* chave *dourada*
 (Ordem: possuidor/possuído)
 A chave do carro
 (Ordem: possuído/possuidor)

3.3— Para Spr do tipo

- (1) O copo de Pedro (posse)
- (2) O copo de vinho (conteúdo)
- (3) O copo de vidro (matéria)

Uma explicação possível está no mecanismo de transformações das orações subjacentes até chegarmos à nominalização:

- (1) Pedro tem o copo → o copo é de Pedro → o copo de Pedro.
- (2) O copo contém vinho → o copo é continente de vinho → o copo é de vinho → o copo de vinho.
- (3) O copo é feito de vidro → o copo é de vidro → o copo de vidro.

Esta seria uma solução típica dos gramáticos universalistas cartesianos (séc. XVII — XVIII) para quem toda construção contém o verbo *ser*, predicado por excelência.

Poderíamos, contudo, aventar a hipótese segundo a qual a diferença está na seleção dos itens lexicais do terminal, para os casos (2) e (3), uma vez que (1) (= posse) não apresenta dificuldades (cf. 3.2). Teremos, portanto:

Regra geral: Se o nome do terminal for contável, a preposição (R₁) indica conteúdo; se for não-contável, indica matéria. A matriz será:

N + de + N (+ Cont.) → conteúdo
 N + de + N (— Cont.) → matéria

Exemplos:

conteúdo		matéria
vidro de pimenta		panela de ferro
caixa de bombom		anel de ouro
cesto de laranjas		prato de louça

Contra-exemplos:

conteúdo		matéria
(4) garrafa de <i>leite</i>		(4a) doce de <i>leite</i>
(5) balde de <i>gelo</i>		(5a) cubo de <i>gelo</i>
(6) copo de <i>vinho</i>		(6a) vinagre de <i>vinho</i>

No léxico, *leite*, *gelo* e *vinho* são não-contáveis. Na atuação, porém, são tomados em seu valor particular e, portanto, quantificável em (4), (5) e (6) e em seu valor genérico (— cont.) em (4a), (5a) e (6a). Comparem-se:

Este <i>leite</i> é bom	#	<i>Leite</i> é bom para a saúde
Os <i>vinhos</i> franceses	#	<i>Leite</i> é bom para a saúde
+ cont.	#	Gosto de <i>vinho</i> etc.
		— cont.

Trata-se, pois, de uma transformação local, ou seja, uma regra de transformação sensível ao contexto. Assim o traço \pm contável passaria do léxico (N + cont., N — cont.) para o SN:

R ₂ : SN	→	SN (± cont.)	em que:
N	→	+ cont.	(conteúdo)
N	→	— cont.	(matéria)

Note-se que, para exemplos do tipo (4), (5) e (6) qualquer falante percebe intuitivamente que se trata de uma certa quantidade de vinho e de leite, bem como de pedaços de gelo dentro de um balde. Tomemos, agora:

(7) colar de *pérolas* (matéria)

(8) rosário de *contas* (matéria)

A contradição à Regra, é apenas aparente porque o plural implica não delimitação do conjunto e, portanto, valor genérico. Note-se que — *colar de pérola* e *rosário de conta* — se não são agramaticais, são ambíguos.

É o que acontece com:

(9) casa de *barro* (matéria) — (N -cont.)

(10) casa de *tijolos* (matéria) — (SN -cont.) — T_{local}

em que tijolo (N +cont.) sofre uma transformação de número para incluir-se num conjunto ilimitado. Quando se diz *casa de tijolos*, não interessa a quantidade de tijolos gastos, mas focaliza-se a *matéria* em si, isto é, de tijolos e não de barro, de pedra ou de ferro.

Dessa forma, poderemos complementar a regra dois, dizendo que se *N* pertence a um conjunto delimitado (no léxico ou no texto) ele é contável; caso contrário é não-contável.

Observação:

Poder-se-ia ainda dizer que sintagmas como “*xícara de café*” e “*copo de vinho*” são ambíguos, em que *de* também equivale a *para*. Mas aí a diferenciação se faz por subcategorização colocal. O Spr é dominado, na estrutura profunda (EP), por um ^vt cuja subclasse determina o valor da preposição.

Exemplos:

Tomar uma xícara *de* café
|
conteúdo

Fabricar xícaras *de* café
|
finalidade

3.4- Examinemos, em seguida, frases com várias preposições:

- (1) O sinteco não se descola *ante* o peso dos móveis.
- (2) E se a criança acordasse *com* o barulho do vento?
- (3) O arvoredo vergava *às* chicotadas do ar.
- (4) Você se mataria *por* paixão?
- (5) A comadre quase morreu *de* vergonha do vigário.
- (6) O ferido se contorcia *em* dores.

Em todas as orações, as preposições grifadas têm valor causal, mas nem todas são substituíveis entre si. Isso quer dizer que todas provêm de frases causativas, mas a mecânica transformacional não é a mesma, nem os graus de coesão sintática continuam os mesmos em relação aos Sprep resultantes. Se não vejamos:

As orações causativas respectivas são:

- (1) O peso dos móveis não faz o sinteco descolar.

(2) O barulho do vento faria a criança acordar?

(3) As chicotadas do ar faziam o arvoredo vergar.

(4) A paixão faria você se matar?

(5) A vergonha do vigário fez a comadre quase morrer.

(6) As dores faziam o ferido contorcer-se.

Trata-se de transformações simples com substituição de operadores (fazer → prep.).

Numa construção causativa, a causa é sempre o pressuposto e o efeito constitui o *foco* ou informação nova. Quando se trata de uma oração causativa tem-se, na verdade, uma oração do tipo transitivo que comporta um estimulador do processo, o *causativo* (Ca), e um resultado (R). Por isso, o causativo sempre está numa estrutura complexa, de duas orações, uma que contém o traço causa e outra formada por um verbo que denota mudança de estado (= processo).

Superficialmente, tais estruturas realizam-se por orações com verbos transitivos de valor causativo, por construções com auxiliares causativos ou por Sprep.

Exemplo: (Fig. 1)

Embora em (4) só caiba *de*, a preposição *por* substitui qualquer uma das demais nos exemplos citados.

Isso leva a propor dois conjuntos com intersecção em *por*: (Fig. 2)



— Fig. 2 —

Essas diferenças se explicam pelas relações dos Sprep restritos com seus iniciais. Por exemplo, *vergar* não admite *de*, como *contorcer-se* não admite *ante*; *acordar* e *descolar* podem construir-se como *de*, mas noutras construções ou com outros valores semânticos (cf. Os cartazes descolavam do muro; Acordei-me de minhas mágoas: *acordar* = *lembrar-se*).

3.5- Consideremos agora os três conjuntos abaixo:

- 1.a- Maria foi *para* o quarto.
- b- Viajarei *para* Campinas.
- c- O garoto correu *para* a rua.
- 2.a- Comprei agulhas *para* você tricotar uma blusa.
- b- Márcia gosta de toalhas coloridas *para* banho.
- c- Não tomo pílulas *para* dormir.
- d- Até ladrão tem tranquilidade *para* assaltar.
- 3.a- Patrões e grevistas entram em acordo *para* alívio de todos.

b- O Senhor Jânio, *para* surpresa dos juarezistas, mostrou-se cauteloso.

c- Dona Amélia se aposentou, *para* tristeza de seus colegas.

No primeiro conjunto parece evidente que o valor *direção no espaço* atribuível à preposição se vincula à sub-classe do I (+Mov), sendo que o T deve ser *+concreto* para suporte do término do movimento. Já no segundo conjunto, o valor *destinação* se prende ao terminal, que deve ser uma oração:

Sprep → Prep. + O (SN + SV)

Tal esquema pode realizar-se por uma oração mesmo (cf 2a), por nominalização (cf 2b) ou por apagamento do sujeito (cf 2c) e/ou do objeto (cf 2d), mecanismos que não se aplicam indiferentemente. Assim, quando o sujeito e o objeto da oração matriz coincidem com o sujeito e o objeto da inserida (> Sprep), apagam-se. Exemplo: Pedro cria *frangos* *para* Pedro vender os *frangos* no mercado > Pedro cria *frangos* *para* vender (no mercado). Como, nesses casos, o apa-

gamento do sujeito e/ou do objeto pode coincidir com a não-expressão de sujeitos e objetos indeterminados (Δ), essa operação de apagamento estará sujeita à especificidade semântica do enunciado. Cf. Maria comprou linha *para bordar* / para ela mesma *bordar* / para sua mãe *bordar um tapete* / para bordar um tapete. Dessa forma, então, omite-se o que não tiver interesse para a comunicação, até mesmo o

núcleo do predicado. Exemplo: Preciso de água para molhar as plantas > água para as plantas. Por outro lado, a nominalização alterna com o uso do infinito. Cf. Gado para abater / gado para o abate.

No terceiro conjunto o valor consecutivo do Sprep se deve ao fato de que ele provém de uma oração que representa uma conseqüência da comparação entre dois fatos:

Patrões e grevistas entraram em acordo

> ... para + alívio de todos

Isso aliviou todos

Como se vê, a oração consecutiva, antes de inserir-se na matriz, nominaliza-se para receber a pre-

posição. Por isso o T do sintagma é +abstrato (deverbal ou não).

Exemplo:

Dona Amélia se aposentou

> ... para tristeza de seus colegas

Isso entristeceu seus colegas

4 — Conclusão

A intenção dessa pequena amostra é ilustrar que uma gramática do desempenho (performance) deve mesmo ocupar-se de condições de adequação e estratégias para o uso lingüístico em vez de tentar explicar a variedade desse uso. Isso porque a explicação nunca está no nível manifesto, mas num outro, mais profundo, regular e geral. A construção de um modelo de produção e reconhecimento deverá dar prioridade a estratégias de percepção já que o desempenho resulta

da interação complexa de vários fatores como os contextuais, os ligados às intenções do falante, a seu sistema de crenças etc..

O exame de alguns Sprep mostrou como eles são realização de possibilidades de um esquema estrutural subjacente. Para captar-lhes o valor, é preciso chegar a esse esquema, o que se faz por operações sucessivas de redução. Isso quer dizer que uma gramática performativa não se constrói nem antes nem desvinculada da gramática da competência.

BORBA, F. da S. Sintagmas preposicionados em português. *Alfa*, São Paulo, 24:49-58, 1980.

BORBA, Francisco da Silva. Prepositional phrases in Portuguese. *Alfa*, São Paulo, 24:49-58, 1980

ABSTRACT: This paper suggests a procedure for prepositional phrases description through the presentation of the structure and functioning of some prepositional phrases in Portuguese.

UNITERMS: Phrase; Prepositional phrase; Performative grammar; Subcategory; Structure.
